

# Escrever é da ordem do viver<sup>1</sup>

Ariane Severo<sup>2</sup>

*Sartre soube, como nenhum outro autor, captar o essencial da subjetividade do homem contemporâneo. Obviamente quem foi capaz de oferecer o mais fiel testemunho literário-filosófico da subjetividade espetaculizada em nosso tempo não deixaria de constatar a transformação nos modos de expressão do sofrimento humano num mundo onde o espírito objetivo é carente de nitidez, onde as imagens dizem mais que a voz, onde o sintoma assume a forma da náusea existencial, da abulia anônima e da errância gozosa (p. 192). Alguém duvida da fascinação que Sartre foi capaz de exercer em toda uma geração dos anos 40, 50? Que a juventude dos anos 70 formou-se intelectualmente lendo os livros de Sartre (p. 20)? Gilles Deleuze, Roland Barthes, Lacan, Foucaut... Poderá o pensamento psicanalítico contemporâneo permanecer indiferente a esse autor, quando suas ideias não cessam de trabalhar as maiores inteligências dos grandes centros mundiais de estudos Humanos do século XX? A psicanálise do novo século está, parece-me, pronta para redescobrir Sartre (p. 17).*

A verdade é que temos a sorte, o privilégio de retomar a obra de Sartre de forma clara e poética, pelas mãos de um psicanalista, de um escritor que vem pensando a psicanálise com base na *interdependência dos discursos e a sobreposição/intersecção dos territórios: psicanálise, filosofia, literatura*. Ele afirma: *É claro que Freud utilizou-se amplamente de produtos culturais refinados, como a literatura, o teatro, a mitologia, a poesia, as artes plásticas, etc. na elaboração de uma forma de pensar a atividade clínica psicanalítica que é justamente o que a distingue das demais abordagens pragmáticas, mecanicistas, biológicas, todas ditas “científicas” que*

---

1 Resenha do livro *Sartre ou o inconsciente como alibi*, de Roberto B. Graña. Editora: AGE, 2019, 294 p.

2 Escritora, psicanalista e docente no Contemporâneo.

*a ela se contrapõem, permitindo ao psicanalista pensar o humano num outro nível de sutileza e sofisticação* (pp. 124-125). O autor nos indaga se não é bem-vindo o entrelaçamento entre as disciplinas justamente por ser *difícil definir, delimitar e distinguir com nitidez a área, o gênero ou o uso possível da produção intelectual dos pensamentos contemporâneos* (p. 125). É na defesa do livre trânsito por territórios e saberes que Graña nos oferece essa obra.

**Sartre e o inconsciente como álibi**, é o segundo volume da trilogia: *A psicanálise e a crítica filosófica*, que inicia com sua tese de pós-doutorado em História das Ideias Psicanalíticas e Filosóficas, na Universidade de Paris VII, sob orientação de Elisabeth Roudinesco. Roberto Graña não apenas releu toda a obra de Sartre e tudo o que conseguiu através de seus biógrafos, entrevistas, na pesquisa imensa e séria que realizou, mas também dialoga com o autor. Vejam o que nos diz seu prefaciador, Alcy Cheuiche: *A verdade é que somente um pensador com a profundidade dos conhecimentos de Roberto Graña, e vivendo um momento de pleno sucesso de sua vida profissional e afetiva, poderia ter a coragem de desnudar completamente a pessoa, a vida e a obra de Jean-Paul Sartre (um escritor “inclassable”, que teve a coragem de recusar o Prêmio Nobel de Literatura), elogiando sem adular e sempre buscando encontrar um álibi verdadeiro para salvá-lo de acusações levianas e interpretações fraudulentas.*

Graña reitera o que vem sustentando: *que toda e qualquer possibilidade de “um novo começo” para o pensamento psicanalítico – se quisermos falar como Heidegger, ou como Balint – situa-se no interior de um território, de um quadrilátero, cujos vértices receberão os nomes de Freud, Ferenczi, Winnicott e Lacan* (p. 17). E propõe que possamos juntos redescobrir esse Sartre criativo e surpreendente, reconhecendo sua beleza literária e sua importância para a psicanálise contemporânea. E, se tivermos a coragem de aceitar o desafio do autor, ele irá nos mostrar o quanto permanece vivo o projeto sartreano de formulação de uma psicanálise fenomenológica. Sartre com sua fina ironia, sua aguda inteligência e um novo modo de fazer filosofia. Um Sartre que reconhecerá que o associacionismo já foi ultrapassado e que os psicólogos contemporâneos não se defendem interrogando ou interpretando, mas vivendo uma experiência com o analisando. Sartre e sua *pirueta-ontológica*.

Graña nos demonstra que a crítica sartreana da psicanálise é pertinente em certos pontos e equivocada em outros, em parte por uma *limitação de leitura, e por pecados enunciatórios da própria escrita psicanalítica* (p. 99). *Sua leitura problemática de Freud, a incompreensão das noções de inconsciente ou de recalçamento, por exemplo* (p. 255). E o ponto em que o racionalismo o aprisiona (p. 90) nos ajuda a enxergar que Sartre *se debaterá com a permanente ameaça*

*de ver-se forçado a recorrer a argumentos/conceitos que rechaça* (pp. 99-100). Pois tem em mente criticar o inconsciente psicanalítico por implicar a aceitação de uma posição determinista. Nessa obra, ficamos sabendo que Sartre, lendo Freud, encontrou certos fenômenos que durante muito tempo promoveu para “rebater” Freud, já que não era capaz de explicar (p. 137). Sartre despreza e ironiza o conceito de inconsciente, entendendo-o como um *álibi*, um *estratagema* para enganar a si mesmo, aos outros, e *evadir-se da facticidade da liberdade, do compromisso e da ação* (p. 23). *O homem está condenado a ser livre. O existencialismo é um humanismo. Não escolher, não assumir o compromisso é, inevitavelmente, fazer uma escolha. É caminho inautêntico, do quietismo...* (p. 99).

Por outro lado, os iniciantes na obra de Lacan não podem continuar ignorando aquilo que ele deve à Sartre e não lhe deu os créditos, *a omissão de referências à fonte que subsidiaria o pensamento*. A origem fenomenológica de Lacan (p. 118), *as mais belas linhas que Sartre redigiu sobre a natureza e o desejo humano: O homem é fundamentalmente desejo de ser*. Essa idéia permitiu a Lacan mais tarde a ressalva: *nem todo o desejo humano é sexual* (pp. 134-137). E ficamos sabendo que *é em Sartre, portanto, e não em Freud, que Lacan encontrará o manancial conceptualístico do qual irá servir-se para instanciar o seu “sujeito-barrado”* (p. 132). Graña torna-se detalhista para que possamos *entender as dívidas de Lacan para com Sartre: A descrição do ser do homem como falta articulada à noção de outredade, já que o Outro indica justamente aquilo que falta ao Eu* (p. 117).

No capítulo 4, *Os analisandos* de Sartre, mais um deleite: Baudelaire, Jean Genet, Flaubert... Graña vai falar da autoanálise de Sartre com questionamentos e citações estonteantes. Generosamente nos revela que *Sartre realiza, exaustivamente, uma permanente autoanálise ao longo de todo o seu percurso intelectual, ou de vida, que mal se distinguia da sua filosofia, e dera origem ao que ele denominou, em ambivalente homenagem a Sigmund Freud, de “psicanálise existencial”* (p. 201). *Sartre e seu novo modo de fazer filosofia através da literatura, mais vanguardista em sua ficção do que em sua filosofia* (p. 209). *Um Sartre com menos defesas e mais livre por estar pretendendo, em princípio, escrever ficção* (p. 205). *O homem é sempre um contador de histórias, (diz Sartre) ele vive rodeado por suas histórias e pelas dos outros* (p. 212).

No outono de 1973, segundo Graña, Sartre mergulha na escuridão. Já não podia ler, reler-se. *Sou incapaz de avaliar um texto que não tenha lido com meus próprios olhos. O escritor Sartre não existe mais. O uso do olho direito ele perdera aos quatro anos. O olho esquerdo, o que lhe valia agora o abandona: ele tem sessenta e sete anos. E diz: o único objetivo da minha vida era escrever... em certo sentido me tira toda a razão de viver: eu era e não sou mais, por assim dizer.... Eu*

*sou um homem de escrita e é muito tarde para mudar...* (p. 177). E Graña cita Graciliano Ramos:

*Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso, não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos. Só podemos expor o que somos* (Em: *A carne e a escrita – um estudo psicanalítico sobre a criação literária na obra de Graciliano Ramos, sua tese de Doutorado em Literatura Brasileira, 2005*).

Graña nos interpela: *De onde extrai o romancista a matéria prima para a construção de sua obra? A resposta parece ser óbvia: daquilo que viveu, da singularidade de sua existência, como entel/ser no interior do mundo humano* (p. 197). *Que espantoso entrelaçamento mítico entre vida e obra, entre ficção autobiográfica e autobiografia ficcional* (p. 214). Roberto Graña é um *Dichter*, um poeta, no sentido concebido por Freud ao substantivo. Ele cria com as palavras. *A poesia torna-se a manifestação do ser pela palavra.*

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 09/08/2019

Aceito em: 26/08/2019

Ariane Severo  
Rua Dona Laura 45/401  
90430 091– Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: arian@portoweb.com.br